



## **A RELAÇÃO ENTRE AS ESPACIALIDADES DE JOVENS DO SEXO MASCULINO E A MORTE POR HOMICÍDIO NA CIDADE DE PONTA GROSSA - PARANÁ**

### **THE RELATION BETWEEN SPATIALITY OF MASCULINE YOUTHS AND DEATH BY HOMICIDE IN THE CITY OF PONTA GROSSA – PARANÁ**

#### **Fernando Bertani Gomes**

Mestre em Geografia

Professor Colaborador da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG  
Avenida General Carlos Cavalcante, 4748, Uvaranas, CEP: 84030-900  
Ponta Grossa - Paraná  
Email: ferbg28@gmail.com

#### **Joseli Maria Silva**

Doutora em Geografia

Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG  
Avenida General Carlos Cavalcante, 4748, Uvaranas, CEP: 84030-900  
Ponta Grossa - Paraná  
Email: joseli.genero@gmail.com

#### **Aline Ansbach Garabeli**

Graduada em Farmácia

Mestranda em Ciências Farmacêuticas na Universidade Federal do Paraná - UFPR  
Avenida Prof. Lothário Meissner, 632, Jardim Botânico CEP: 80210-170, Curitiba –  
Paraná  
Email: agarabeli@gmail.com

**Resumo:** Esse estudo tem por objetivo compreender as relações entre a vivência espacial de jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa – PR. Para tanto, foram analisados 79 inquéritos policiais de homicídio, estabelecendo características das vítimas e da espacialidade dos crimes, através de análise documental dos depoimentos e das investigações criminais. O trabalho evidenciou que jovens do sexo masculino, moradores de periferias pobres envolvidos com a espacialidade do crack é o grupo mais vitimizado por esse tipo de morte. Por meio de uma espacialidade violenta, esse grupo vive e elabora suas práticas identitárias que o aproximam da morte por assassinato.

**Palavras-chave:** masculinidade, espaço, morte, homicídio.

**Abstract:** This study aims understanding the relation between spatial experience of young males and homicide in the city of Ponta Grossa - PR. Thus, were analyzed 79 police inquiries of homicide establishing characteristics from victims and criminal specialities by

documental analysis of testimonies and criminal investigation. This research evidenced that young men residents in poor peripheral areas involved with crack spaciality is the most victimized group by this type of death. Through a violent spaciality this group lives and elaborates its identities practices that approach them to death by murder.

**Keywords:** masculinity, space, death, homicide.

## **Introdução**

A pesquisa preocupa-se em compreender a relação entre a vivência espacial de jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa – Paraná. Para atender essa compreensão, a investigação se estrutura em dois eixos de análise. O primeiro está organizado em analisar quem são as vítimas de homicídio, tendo como recorte espacial a cidade de Ponta Grossa –PR. O segundo eixo preocupa-se com as espacialidades vivenciadas pelos jovens homens vítimas de homicídios e como se constitui sua vulnerabilidade à morte violenta, compreendendo o espaço como um componente de vulnerabilidade a práticas violentas de jovens do sexo masculino que, através de suas práticas cotidianas, elaboram formas de masculinidades, que os aproximam da morte por homicídio.

As mortes violentas têm se concentrado entre a faixa jovem do sexo masculino, mas nem por isso pode-se afirmar que ser homem jovem é a única condição para ser morto. A vivência humana comporta múltiplas formas de sujeitos, da mesma forma em que não há somente uma única forma essencial de ser “homem”. Gênero deve ser tomado como uma representação que ganha ‘corpo’ e ‘substância’ a partir de constantes normas regulatórias. Contudo, esse processo é responsável somente pela ‘invenção’ de gêneros ideais e não tem o domínio de impedir que sejam criadas novas formas de subjetividade, ou melhor, outras múltiplas expressões de masculinidades. Os corpos vivos se expressam como uma constante espacialização, o que quer dizer que os sujeitos ganham forma e elaboram suas práticas cotidianas mediante os elementos que os cercam. Nesse sentido, analisar as vítimas de homicídio é ater-se às práticas espaciais que permeiam esse delito.

A morte pode ser tomada não só como um fato a ser quantificado, mas também como elemento cotidiano na vida de sujeitos vulneráveis à morte por assassinato. Nesse sentido a pesquisa elabora uma análise das vítimas e as características dos homicídios ocorridos entre 2010 e 2011 em Ponta Grossa – PR. O levantamento se deu por meio da

13º SubDivisão Policial de Ponta Grossa e pelas Varas Criminais Federais de Ponta Grossa, onde foram analisados 79 inquéritos policiais.

A vítima é, na maioria dos casos analisados, do sexo masculino com idade entre 15 e 25 anos, morador de áreas de baixa renda, baixa escolaridade e com envolvimento com drogas. Os crimes se expressam em uma multiplicidade de elementos que constituem a espacialidade dos atores e vítimas envolvidos.

### **Gênero, masculinidades, espaço e morte**

A relação entre esses sujeitos e sua aproximação à morte por assassinato emergiu em meio ao Grupo de Estudos Territoriais (GETE) que tem se preocupado com a construção de discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Dentre esses campos, foram realizadas pesquisas sobre masculinidades e periferias pobres, aproximando-se dos adolescentes em conflito com a lei, através de trabalhos como de Chimin (2009) que analisa o espaço como componente de vulnerabilidade às práticas de atos infracionais de adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa – PR e Rossi (2010) que analisa as territorialidades urbanas de adolescentes da mesma cidade, compostas por complexas interações e múltiplas espacialidades.

Em meio a essas trajetórias investigativas foram percebidos alguns elementos sociais no cotidiano desses sujeitos, que fizeram levantar duas novas questões: uma delas foi a trama de relações e negociações que se fazem em torno do crack: ‘Como o uso e tráfico dessa droga se constitui como um elemento da espacialidade desses adolescentes?’, que foi a questão central da pesquisa do mestre Heder Leandro Rocha. O outro elemento foi a forte presença de mortes violentas na espacialidade desses sujeitos, emergindo a questão de qual seria a relação da vivência espacial de jovens do sexo masculino e a morte por homicídio.

Através das espacialidades desses sujeitos-vítimas é possível dar inteligibilidade a esse jogo, dando não só um perfil espacial dos crimes, mas atentando-se para as dinâmicas espaciais e os sujeitos que compõem um determinado tipo de morte. Porém, no momento em que a análise geográfica parece contribuir para esse fenômeno, a Geografia Brasileira se mostra pouco produtiva nesse campo de acontecimento nas cidades brasileiras.

Através de uma busca realizada no BDTD, com o termo ‘Morte’ e sob um recorte temporal entre 1987 e 2010, abrangendo trabalhos de dissertações e teses, de um total

de 123 trabalhos elencados, 'Geografia', como Área de Conhecimento, apareceu somente com 0,8% dos trabalhos. Relacionando as palavras 'geografia' e 'morte', com o recorte temporal de 1987-2010, e considerando trabalhos de dissertação e teses no Banco de Teses da Capes, através da análise dos resumos listados pelo buscador, do total de 225 trabalhos, foram selecionados 52 por tratarem do tema morte. Nesse levantamento, foi perceptível uma grande presença de trabalhos de outras áreas do conhecimento, como Saúde Coletiva, enquanto que trabalhos na área da Geografia aparecem com apenas 13,5%.

A Geografia diante do grande número de pesquisas sobre morte tem se portado ausente e, como mostram os levantamentos citados, a análise da morte, tão elaborada por outras áreas do conhecimento, tem demandado uma análise geográfica, vide o grande número de análises 'geográficas' de outros campos do saber sobre morte.

Entretanto, essas questões não afirmam um silêncio da Geografia diante da morte, afinal têm sido elaborados trabalhos que se relacionam em algum momento com o tema, através de análises da violência urbana e no campo, espacializações de homicídios e acidentes de trânsito, os constantes estudos de taxas de mortalidades necessários ao território nacional organizado e sua política e governabilidade.

A aproximação entre jovens do sexo masculino e a morte violenta é tomada de maneira imediata por meio da expressão quantitativa das estatísticas de mortalidade no âmbito nacional. Dentre as causas categorizadas como morte violenta no país estão os acidentes de trânsito, suicídio e homicídio, sendo que nessa última causa, em 2008, 93,9% das vítimas eram jovens homens.

De maneira rápida, somos incitados a refletir sobre duas formas a respeito dessa disparidade de gênero. Primeiramente, a compreensão se faz por meio do próprio homicídio - uma prática que infere fatalmente o 'direito soberano' da vida de um cidadão, caminho que nos remete às espacialidades dessa prática, através do comportamento dos autores, dos tipos de assassinatos que conhecemos e assistimos e os lugares onde eles ocorrem. Do mesmo modo, um segundo meio de compreensão se levanta por meio das vítimas: questionando-se em que as formas de 'ser' homem e jovem na nossa sociedade e quais são as práticas que os conduzem a serem vítimas desse tipo de morte.

Pelas duas vias encontramos majoritariamente práticas reconhecidas pela sociedade como masculinas, remetendo-se a evocações de força, coragem, enfrentamento e violência. Na mesma medida em que o sexo masculino é mais frequente nas contabilizações de vítimas de homicídio, também o é como praticante dessa infração.

Em Ponta Grossa, por levantamento de inquéritos policiais e processos judiciais, entre os anos de 2010 e 2011, 96,3% dos autores apurados eram do sexo masculino. Sobretudo essas espacialidades, privada ou públicas, são de violência e nos trazem uma questão de gênero. Há uma relação entre as práticas de masculinidades e esse tipo específico de crime.

Trabalhos científicos relacionando masculinidade e espaço na Geografia brasileira, como mostra Chimin (2009), se mostram ausentes e podem ser considerados tardios se relacionados à produção da Geografia anglófona. Mesmo no âmbito internacional, autores como Berg e Longhurst (2003) afirmam ter sido somente no ano de 1989 que se tem um esboço sobre os estudos de masculinidade, vindo a ter consistência na década de 1990, tendo como marco o trabalho do geógrafo da Nova Geografia Cultural, Peter Jackson (1991).

No contexto das teorias feministas, esse surgimento pode ser considerado bastante recente devido a diferentes elementos teóricos e sociais que tensionam o campo epistemológico feminista. Como faz Silva (2009), no contexto da Geografia Feminista, podemos elaborar uma compreensão a partir de três momentos epistêmicos. Dentre esses momentos a passagem do segundo, ocorrido principalmente nas décadas de 1960 e 1970, para o terceiro momento foi determinante para o surgimento das discussões de masculinidade.

Segundo Oberhauser et al (2003), no início de 1970, as discussões de gênero na Geografia estavam preocupadas em construir a visibilidade das feminilidades, priorizando o universo feminino. O esforço era em afirmar que o discurso geográfico estava centrado numa perspectiva masculina. Todos esses elementos juntamente com esforço de denunciar formas de opressão fazem emergir o debate sobre diferentes formas de feminilidades, mas também contribui para negligenciar a multiplicidade também existente no gênero masculino.

O terceiro momento da Geografia Feminista emerge nos anos 90 com grande influência do pós-estruturalismo. Duas características marcaram fortemente a concepção de gênero – a ideia de poder de Foucault (1988) e o gênero ‘performático’ de Butler (1990). Nesse momento, o gênero não existe em si, torna-se uma representação que ganha sentido através do cotidiano das pessoas.

[...] viver a partir dessa representação, por meio da repetição de atos cotidianos, constrói a ficção de sua naturalidade e cria a ilusão de uma real distinção de gênero. Contudo, vivenciar os comportamentos

repetitivos nunca reproduz o ideal de gênero, mas é reinventado pelas pessoas, e isso possibilita tanto a reprodução desse ideal como também sua transformação. Portanto, o gênero é constantemente construído, mas também desconstruído cotidianamente, o que possibilita o movimento de mudanças (SILVA e ORNAT, 2011, p. 30).

Na concepção de gênero 'performático', Butler (1990) argumenta que o Ocidente está organizado em uma linearidade entre sexo, gênero e desejo. Nesse sentido, Butler (2003) afirma que gênero é uma "ficção", um "ideal regulatório" através do qual se naturalizam as noções de masculinidade e feminilidade. Por meio de contínua repetição de atos estilizados, os corpos constroem e legitimam papéis sociais hegemônicos, semelhantemente à noção de sujeito instituinte de Foucault (2000), que afirma ser o sujeito sempre constituído historicamente, simultaneamente à constituição dos saberes, dos discursos e dos domínios dos corpos. Se não há sujeito "supra-histórico", tanto quanto, não há corpo ou sexualidade meramente naturais.

A ideia de poder em Foucault (1988) contribui na superação da bipolaridade de gênero. O poder deixa de ser entendido numa oposição entre dominante-dominado, não é algo que se possui, mas uma multiplicidade de relações de forças. O poder está em toda parte "não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares" (FOUCAULT, 1988, p.103). Toda relação humana é, até certo ponto, uma relação de poder. Vivemos num mundo de relações estratégicas contínuas. Nesse sentido, poder não é caracterizado pela posse de um grupo, mas se expressa por múltiplos feixes que emanam em toda e qualquer relação humana. Havendo formas hegemônicas de gênero, na mesma medida há a possibilidade de subvertê-las, re-significá-las, transformá-las e não só há possibilidade como constantemente as normas regulatórias de gênero são tensionadas, ou melhor, porque elas são tensionadas que é possível.

A vida em sociedade não é simplesmente regulada na relação entre um grupo dominante e o subalterno – o operário ou a mulher do sistema patriarcal. Segundo Butler (1990) há múltiplas combinações existenciais, compostas por arranjos entre sexo, gênero e desejo. Embora haja normas regulatórias, construções discursivas de ideais de gênero, os sujeitos situados nelas compõem múltiplas feminilidades, assim de mesmo modo, múltiplas masculinidades, considerando que nem todas as masculinidades fazem parte do discurso hegemônico.

Na Geografia, as análises intergênero recebem a contribuição de Connel (1995) na concepção de "masculinidade hegemônica", que podem ser contestadas por outras formas de masculinidades. O autor categoriza essas formas como subordinada, cúmplice

e marginal referente respectivamente as seguintes categorias sociais: classe, raça e sexualidade.

Outra grande contribuição foi da geógrafa Linda McDowell (2000), que analisa a elaboração de masculinidades relacionado-as com cultura e economia. A partir de jovens brancos de classe trabalhadora, a autora investiga os conflitos entre esse grupo e as novas formas produtivas que apresentavam um deslocamento do perfil industrial para novas dinâmicas empresariais, mudança que demandava características de feminilidade que tensionavam as normas que regulavam os trabalhadores, acarretando um grande número de desemprego e uma masculinidade interiorizada e por vezes violenta.

Análises como esta permitem compreender que a presença de agressividade e violência em determinadas expressões de masculinidade e em específicas espacialidades da cidade podem ser concebidas como uma ação estratégica de resistência diante de uma sociedade economicamente desigual. Apropriando-se de Foucault (1988, 2000), como num campo de batalhas, são micropoderes que compõem o espaço urbano e nele se amargam conflitos cotidianos entre as exigências sociais da normalização disciplinar e as linhas de fuga da resistência, entre uma masculinidade economicamente ativa e masculinidades a margem dos ideais de 'governabilidade' do Estado moderno capitalista.

Os geógrafos brasileiros Rossi (2010) e Chimin (2009) preocupam-se com análises de masculinidades não hegemônicas no contexto brasileiro, especificamente adolescentes de Ponta Grossa – PR. Os autores defendem a ideia que os adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei constroem suas masculinidades agenciando-se à elementos que subvertem o modelo ideal de masculinidade. Esses agenciamentos são elaborados através das espacialidades que os sujeitos vivem. Portanto, há uma ordem espacial na elaboração das suas identidades. Ambos os autores admitem que as experiências espaciais urbanas dos adolescentes em conflito com a lei são paradoxais,

na medida em que esses jovens são periféricos nas relações de poder nos espaços escolares e de saúde e adquirem centralidade nas espacialidades desenvolvidas nos processos de socialização, cometendo atos infracionais que estão vinculados à instituição de identidades de gênero, de classe e de grupos de adolescentes (CHIMIN, 2011, p.120).

As práticas desses adolescentes “são fluídas e articuladas entre diferentes territórios urbanos” (ROSSI, 2011, p.188). Esses sujeitos plurilocalizados vivenciam múltiplas dimensões que, dependendo das espacialidades vivenciadas, podem tomar posição de centro ou margem das relações de poder. Esse aspecto multidimensional de

sujeitos plurilocalizados é concebida através do conceito de espaço paradoxal de Rose (1993).

Conforme dito anteriormente, em meio a esses adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei percebeu-se forte presença da morte violenta como um elemento da vivência espacial desses sujeitos, mediante familiares, amigos, conhecidos ou simplesmente pessoas que moravam na “quebrada” – espacialidades periféricas, “fritavam pedra” – usavam crack, andavam com os mesmos “nóias” – usuários de droga, frequentavam a “magiqueira” - Danceteria Magic, ou “trampavam” junto – trabalhavam juntos.

Nesse sentido, por meio de um levantamento dos homicídios praticados na cidade de Ponta Grossa – PR, entre os anos de 2010 e 2011, foi possível ressaltar algumas espacialidades desse tipo de morte e dessas espacialidades um perfil de sujeitos-vítimas a ser investigado mais detidamente.

Retomando as contribuições teóricas de Butler (1990) e Foucault (1988), a formação de um sujeito requer interações constantes e é ele produzido simultaneamente a essas interações. Não se trata de um sujeito-substância, mas de um “processo de subjetivação” construído por continuidades ou descontinuidades de normas regulatórias presentes na sociedade, estando sempre aberto a novos encontros e agenciamentos com a realidade.

Dessa forma, um corpo morto por homicídio não se trata de um “resíduo” de sujeito-substância que, dado isso, se perderam as chances de uma pesquisa científica, visto que perdemos a essência e a possibilidade de entendê-lo através de um método racionalista. Um corpo morto pode ser entendido como um “resíduo” de uma intersecção de múltiplas forças, de uma composição de relações de poder, de encontro em meio a infinitas diferenças, ressaltando que as forças, as relações de poder e as diferenças, ainda estão “vivas” e em movimento.

É, portanto considerando a multiplicidades e co-existência de interações do espaço (MASSEY, 2008) que temos a possibilidade de apreender os movimentos que compõe as formas de subjetividades vulneráveis a morte violenta.

### **Os jovens homens, vítimas de homicídio em Ponta Grossa – PR**

A notícia veiculada no dia 15 de junho de 2012 em um dos telejornais de maior alcance da cidade de Ponta Grossa (PR), afirmava: “Ponta Grossa completa hoje 50 dias



sem registrar nenhum assassinato, é o período mais longo sem mortes desde 1999”. A narrativa jornalística foi elaborada em tom de ‘comemoração’ por parte da população e de êxito das medidas estratégicas tomadas pela Polícia Civil da cidade.

O município segue as dinâmicas do estado do Paraná, que obteve uma queda nos índices de homicídio do ano de 2010 até 2012, como mostra o Relatório Estatístico Criminal sobre crimes relativo à morte no 1º semestre de 2012. Ponta Grossa, mesmo sendo a 4º cidade do estado em população, está em 11º lugar em número de registros de homicídio doloso, com 15 homicídios entre os meses de janeiro a junho, ficando atrás de cidades de menor porte como Guarapuava (23) e Paranaguá (17).

A Secretaria de Segurança Pública do Paraná – Sesp-PR –, elabora anualmente relatórios criminais através das estatísticas levantadas pelas Áreas Integradas de Segurança Pública (AIESP) e nelas estão presentes as Subdivisões Policiais (SDP) da Polícia Civil. Em Ponta Grossa está a sede da 13ª SDP, que corresponde a 4ª AIESP, atendendo a 19 municípios.

A AIESP de Ponta Grossa encontrava-se no ano de 2009 em 10º lugar em número de registros de homicídio doloso saltando para a 5ª posição no ano de 2010, o que fez com que no início de 2011 fossem criados os Setores de Inteligência e Homicídio pela 13ª SDP em Ponta Grossa, chefiada pela Delegada-Chefe Valéria Aparecida Padovani.

Por meio da autorização da Delegada-Chefe, tivemos acesso aos inquéritos policiais, selecionando apenas aqueles enquadrados no artigo 121 do Código Penal, o qual corresponde a “matar alguém”. Os inquéritos policiais transitam entre a sede da 13ª SDP e as Varas Estaduais Criminais de Ponta Grossa, presente no Fórum do município, outro local consolidado como campo exploratório, onde, além de inquéritos policiais, teve-se acesso aos processos judiciais que estavam presentes nos cartórios das 3 Varas Federais Criminais existentes em Ponta Grossa.

O recorte espacial da pesquisa previamente estipulado corresponde à cidade de Ponta Grossa e foi atendido pelo levantamento, considerando que as instituições utilizadas como já mencionado abrangem não só a cidade, como extrapola os limites urbanos do município. O recorte temporal para as análises dos inquéritos policiais e processos judiciais corresponde aos anos de 2010 e 2011.

Nesse sentido, foram analisados 79 inquéritos, considerando que, entre 2010 e 2011, segundo os dados da 13ª SDP, foram registrados 124 homicídios no município de Ponta Grossa. Porém, a pesquisa encontrou dificuldades para determinar a quantia exata

de homicídios por ano. Em 2011, a 13ª SDP, mediante relatório anual, afirmou haver ocorrido 57 homicídios, mas analisando esses casos, percebeu-se que desses 57, havia alguns crimes executados no ano de 2009. Isso ocorreu por conta do levantamento da Polícia Civil considerar a data de abertura do inquérito e não a data de execução do crime. Considerando a data de execução dos crimes, os 79 inquéritos estão distribuídos entre 51 de 2011, 26 de 2010 e dois do mês de dezembro de 2009. Portanto, o recorte temporal exato da pesquisa é de dezembro de 2009 a dezembro de 2011.

Dos 79 inquéritos analisados, foram levantadas 83 vítimas, considerando que 4 inquéritos tratavam de 2 vítimas. Dessas 83 vítimas, 74 eram do sexo masculino e apenas 9 do sexo feminino. Essa concentração de gênero corresponde às estatísticas nacionais e regionais, enquanto em Ponta Grossa esse grupo corresponde a 89,2%, no Paraná 91,1% das vítimas são do sexo masculino, na região sul 90,3% e no Brasil 92% (WASELFISZ, 2011).

A média da idade das vítimas é de 28 anos, porém essa média é fortemente influenciada por vítimas de idade avançada, que contabilizam um número muito pequeno, como o caso de apenas uma vítima com 50 anos de idade. A faixa dos 15 aos 25 anos de idade corresponde a 32,5% do total das vítimas.

Poucos foram os inquéritos que continham o grau de instrução das vítimas, apenas 27,7%, mas esse total demonstrou uma grande tendência a baixa escolaridade das vítimas de homicídio, considerando que 69,6% tinham 1º incompleto e apenas 13% completaram o 2º grau.

Esse perfil colabora para que as vítimas se ocupem com serviços que não exijam níveis elevados de escolaridade. A categoria mais encontrada entre as ocupações das vítimas do sexo masculino é referente à área de construção civil, especificamente pedreiro e servente de pedreiro (18,9%) que, em muitos dos casos, caracteriza-se por um emprego informal e temporário. A segunda ocupação mais frequente dentre os homens, com 9,5%, são os empregos na área de serviços e produção (segurança, mecânico, serralheiro, açougueiro, marceneiro, borracheiro), seguido de Serviços Gerais, com 8,1%. Essa ocupação é relacionada aos 'bicos', serviços que atendem uma demanda esporádica e casual, trabalhos manuais oferecidos para 'concertos', muitas vezes na própria vila de moradia. Na quarta ocupação, aparecem os motoristas e motoboys com 5,4% e as demais aparecem dispersas em menor frequência. Dentre as 9 vítimas do sexo feminino, 4 delas tinha como ocupação o serviço doméstico e 3 eram prostitutas, as outras duas não havia informação.

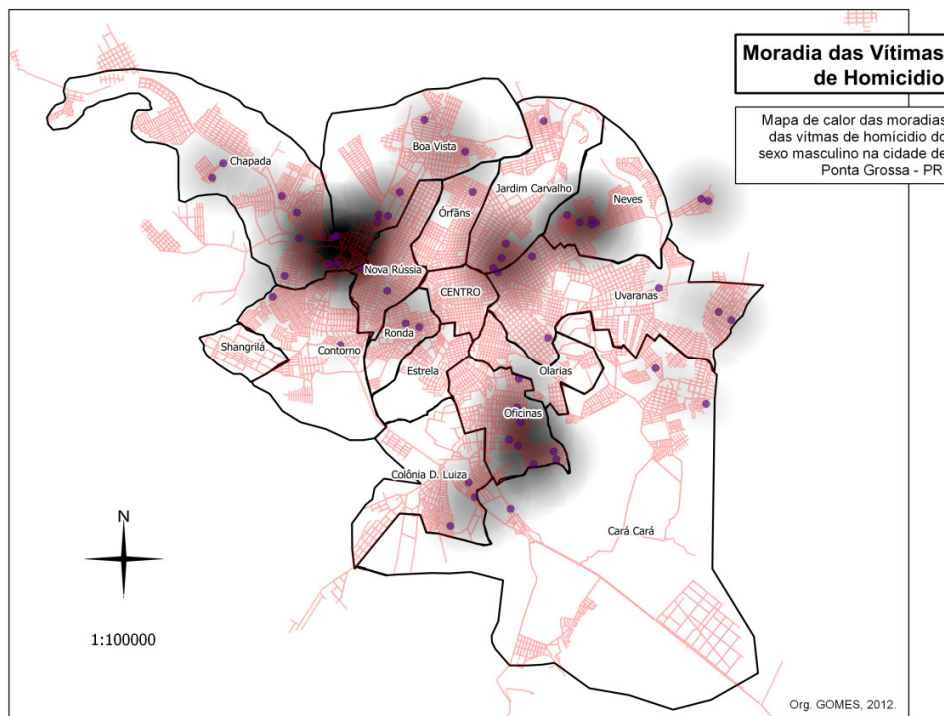
Considerando suas ocupações, as vítimas do sexo feminino tinham em sua maioria o estado civil solteiro, fator que se apresentou de maneira mais evidente também às vítimas do sexo masculino.

Sobre raça/cor é importante ressaltar os elevados índices de vitimização negra no Brasil. Waiselfisz (2011) indica que, em 2005, morreram proporcionalmente 67,1% mais negros do que brancos, já em 2008 o Brasil presenciou um patamar de 103,4%. De maneira geral, para cada jovem branco morto, haveria pelos menos dois negros sendo vitimizados por homicídio. Porém, o país possui uma faixa longitudinal muito extensa e uma diversidade de raça/cor muito grande, ocasionando diferentes concentrações de grupos de cor de pele, sendo que o Paraná é o estado que mais destoa da realidade nacional. Na medida em que tem o menor índice de vitimização de negros entre as Unidades Federativas, é também o estado que obteve em 2008 a maior taxa de homicídio de brancos do país e Ponta Grossa reflete a regionalidade desse fenômeno. 63% das vítimas correspondem a cor branca.

Outro elemento de caracterização utilizado nas investigações criminais e presente no laudo do IML são as marcas corporais, que correspondem a cirurgias, cicatrizes, piercings e tatuagens. 51,8% das vítimas não apresentavam nenhuma marca corporal, porém a segunda categoria com 29% corresponde a pessoas que continham mais de uma tatuagem, registradas entre 2 e 9 unidades, seguido de 10,8% que tinham apenas uma tatuagem. 4,8% apresentavam cicatrizes e somente 1,2% apresentou tatuagem e piercing. Os demais 2,4% são indefinidos pelo fato dos corpos serem encontrados em elevado estado de decomposição.

Os trabalhos de Chimin (2009) e Rossi (2010) demonstram que os adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei na cidade de Ponta Grossa concentram seus atos infracionais no centro da cidade, local de tensão entre diferentes territorialidades urbanas. Porém, o local de moradia desses sujeitos refere-se à áreas periféricas pobres da cidade.

No levantamento dos locais de moradia das vítimas de homicídio do sexo masculino em Ponta Grossa, é possível perceber a ausência de vítimas que residiam no centro da cidade, bem como a quase nula concentração de moradores nos eixos e avenidas principais e em vilas com grupos de renda elevada. Há, portanto, uma concentração principalmente nas vilas Boa Vista e Jardim Bela Vista, que são áreas com a presença ou aproximação de favelas e ocupações irregulares e Jardim Giana e Vila Cipa, como vilas distantes da área central.



**Figura 1** – Cartograma do Local de moradia das Vítimas de homicídio do sexo masculino entre os anos de 2010-2011, na cidade de Ponta Grossa - Paraná

O perfil das áreas de moradia das vítimas demonstra diversas carências cotidianas por meio de recursos materiais. Trabalhos de geógrafos como Souza (2008), Chimin (2009) e Rossi (2010) demonstram que elementos de vulnerabilidade social não definem as práticas violentas, contudo, nas espacialidades de vulnerabilidade social estão presentes múltiplos elementos como os que compõem práticas violentas. Um exemplo é o setor ilegal do tráfico de drogas, que deve ser considerado como mais uma expressão da sociedade capitalista contemporânea que, na condição de um mercado ilegal, tem a necessidade de elaborar outros dispositivos de troca e cobrança. Para essa, uma das formas é a própria ameaça e a execução dos compradores em dívida.

Geralmente, os inquiridos possuem a ficha criminal das vítimas e das 83 vítimas analisadas, 32,5% possuíam antecedentes criminais. Os delitos mais frequentes são respectivamente furto, roubo, lesão corporal, homicídio e ameaça. Relacionado a esses dois últimos casos, é frequente a incidência de vítimas que tinham seus nomes vinculados aos registros do 181 Narcodenúncia, programa do Governo do Estado do Paraná criado

para combater o tráfico e prender os traficantes.

Os elementos corporais, sociais e econômicos aqui citados constroem um perfil das vítimas de homicídio na cidade de Ponta Grossa, mostrando algumas concentrações em certos grupos que vivem no espaço urbano. Considerando a tendência geral das pessoas assassinadas, temos o sujeito do sexo masculino branco e solteiro, morador de áreas periféricas e pobres, com idade entre 15 e 25 anos e com baixo nível de escolaridade, ocupado em empregos não registrados e temporários e com possibilidades de ter tatuagens pelo corpo e possuir antecedentes criminais.

Mas é justamente nessas caracterizações de corpos na sociedade que devemos nos posicionar de maneira crítica e ampliar a teia de relações que um fenômeno como esse compreende. É por meio dessas caracterizações pretensamente fixas que a sociedade disciplinar e do controle elaboram um sujeito ideal a ser penalizado e por meio de práticas penais e constantes “exames” que formas de verdade são elaboradas, dando sentido e substância aos corpos dóceis e/ou desajustados.

Por meio de práticas discursivas como essa é que indivíduos se tornam ‘penalizáveis’, não só pelas formas jurídicas legais do Estado, mas também pelas ‘intempéries’ de uma vida desregrada. Na medida em que constantes disciplinas são tomadas a uma sociedade e normas regulatórias como de gênero, renda, sexualidade, cor da pele e práticas espaciais, simultaneamente processos de subjetivação são elaborados. O que se quer dizer com isso é que, além das formas institucionais de controle na sociedade, há também o controle cotidiano de pessoas que formulam representações sobre os sujeitos passíveis de serem mortos por assassinos que ocupam o espaço público, isso sem que se enquadre como um dano à vitalidade de uma população, pelo contrário, o dano seria talvez se essas formas de subjetividade não fossem interrompidas.

Trazidas as características das vítimas, é preciso ampliar a análise para as suas espacialidades, compreendendo os sujeitos por suas práticas espaciais. Os elementos e os motivos dos crimes serão tomadas a partir daqui em cima das 74 vítimas do sexo masculino, por corresponder tanto a faixa predominante nas estatísticas e atender as questões da pesquisa, sem deixar de considerar que resultariam em pertinentes trabalhos análises sobre feminilidades e morte baseada nas 9 vítimas do sexo feminino, todas vitimizadas por homens, caracterizado em sua maioria em crimes contra prostitutas e crimes passionais.

As análises foram pautadas sobre dois tipos distintos de dados. Num primeiro momento, rapidamente serão apresentados os dados referentes à relatoria do crime,

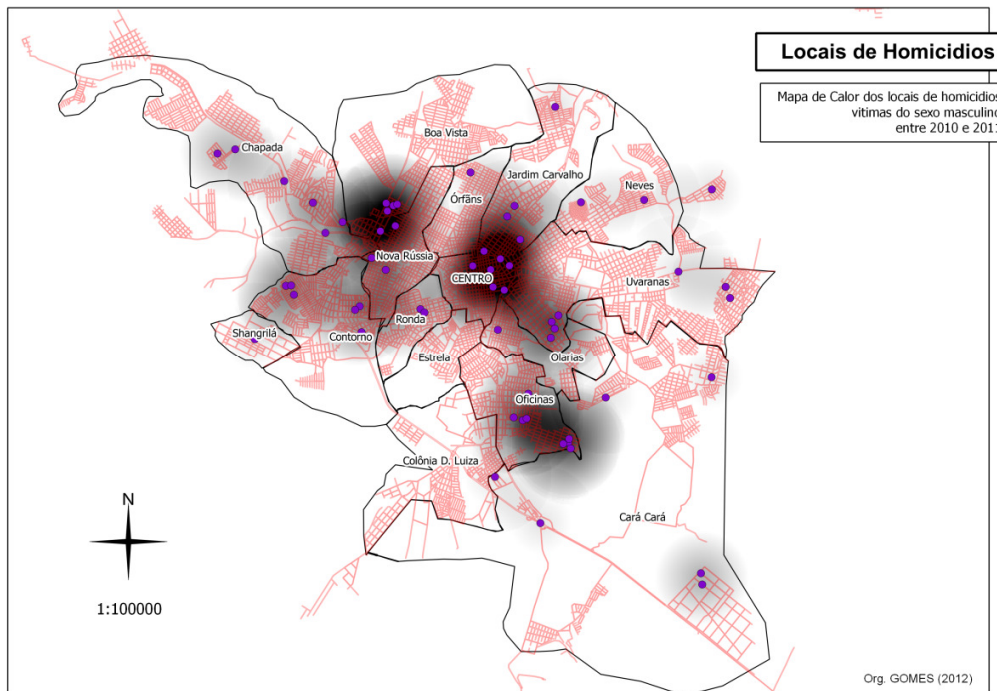
elaborado pela Polícia Militar, que atende diretamente no local da ocorrência e pelos dados do Instituto Médico Legal (IML), que descrevem as causas da morte. Posteriormente, análise será baseada nos depoimentos presentes no inquérito.

Inicialmente, é possível demonstrar a distribuição dos atos criminais durante períodos do ano e do dia. O primeiro por não expressar nenhuma tendência significativa entre os meses foi distribuído entre as estações. A primavera com 30,1% é a estação onde desabrocham maiores registros de homicídio, em segundo aparece o outono, que expressa 25,3% das vidas despetaladas, seguido do inverno com 22,9% e, por último, o sol de verão aqueceu 21,7% dos corpos vitimados. Dentre os meses, junho se mostra com o maior número de homicídios. Essas informações não corroboram com as ideias que relacionam atos violentos aos períodos de mais intenso calor.

Mais importante que isso é o período do dia que podem ser correlacionados às práticas cotidianas urbanas específicas, como a relação entre noite e madrugada à festa e espaço público e manhã e tarde, com trabalho ou desocupação. O maior número de registro de assassinato corresponde ao período da noite.

Sobre os meios utilizados a qual as vítimas foram submetidas, a arma de fogo (39,2%) se mostra como o instrumento mais eficaz na execução dos homicídios, seguido de arma branca (25,3%). Esse eixo assim denominado concentra uma gama extensa de instrumentos utilizados como faca, pedra, machado, foice e objeto contundente. O terceiro meios são as vítimas mortas por agressão (19%), representando lutas diretas e espancamentos, e por último estão as vítimas mortas por agressão junto de arma branca (11,4%).

Os locais onde ocorrem os crimes contrapõem-se aos locais de moradia das vítimas (Figura 1), semelhante à dinâmica apresentada por Chimin (2009) dos adolescentes em conflito com a lei, que moram em áreas periféricas, porém suas práticas delituosas se concentram no centro da cidade, espacialidade onde os adolescentes buscam elementos ausentes nos lugares de moradia e encontram conflitos entre diferentes grupos, que compõem outras territorialidades urbanas (ROSSI, 2010). Da mesma maneira ocorre com os homicídios, lembrando que a área central da cidade não apresentou nenhum registro de moradia das vítimas, ao mesmo tempo em que aparece como a região com o maior índice de execução dos homicídios.



**Figura 2** – Cartograma dos locais dos crimes de homicídio entre os anos de 2010-2011 em Ponta Grossa - Paraná

Relacionado a esses dados, a pesquisa parte para os depoimentos e declarações de familiares, conhecidos, testemunhas e suspeitos. Esses documentos são apresentados no inquérito na forma de transcrição e relatoria da fala do depoente, intercalando entre a escrita comentada do escrivão sobre o depoimento e transcrições diretas das falas dos depoentes.

Isso permitiu com que, através do Banco de Dados, fossem registradas evocações a respeito do crime e as percepções sobre a vítima. Na fase exploratória, o Banco de Dados foi elaborado de maneira a contribuir para um levantamento mais rápido e que possibilitasse maior abrangência, criando duas colunas de preenchimento com os seguintes eixos: 'características vindas do depoente sobre as vítimas' e 'percepções do depoente sobre a vítima'.

No primeiro eixo, foram vinculadas as características que os depoentes davam de maneira afirmativa e informativa às indagações policiais. O segundo eixo trata de evocações transcritas das falas dos sujeitos sobre as "percepções" que os depoentes tinham sobre a vítima.

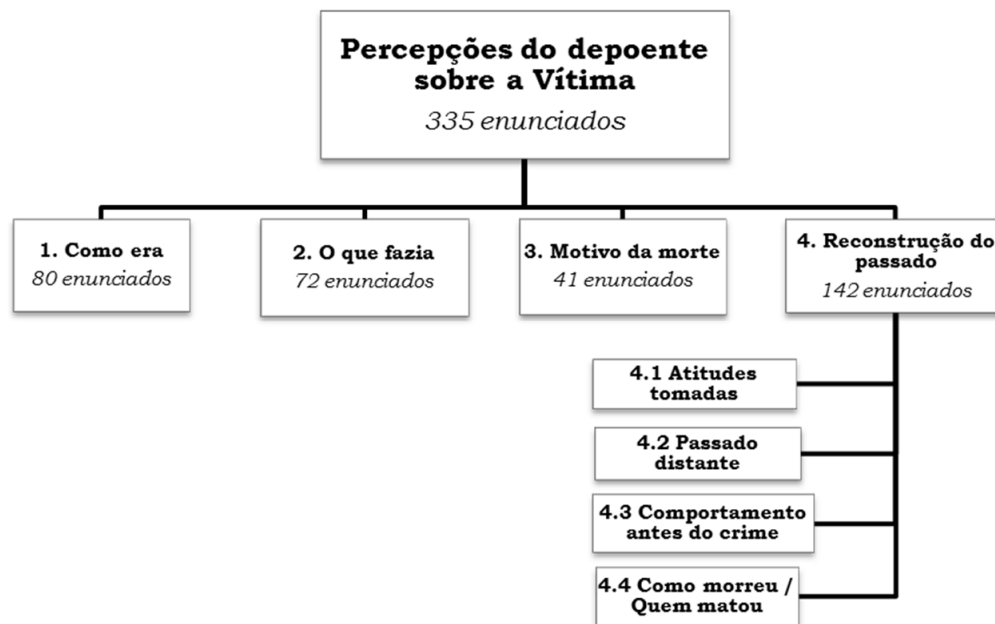
As características trazidas pelos depoentes totalizam 244 elementos, que foram

organizados em 5 áreas em ordem de frequência: droga, bebida, trabalho, antecedentes criminais e família. 44,6% referem-se à droga e sobre esse tema a característica mais frequente para as vítimas do sexo masculino era de ser “usuário de crack”. Outra característica refere-se a bebida (20%) e o aspecto mais informado pelos depoentes era de que a vítima “bebia frequentemente”. Na sequência, aparecem características referentes a ocupação das vítimas (16,1%), no qual o serviço de “pedreiro” foi o mais informado. 11,5% se referem a características de antecedentes criminais, sendo que a maioria delas afirma que as vítimas eram “ex-detentos” e, por fim, aspectos referentes a família (7,8%), onde a maioria afirmou que os assassinados “tinham filhos”.

Além de encontrar com as características mais frequentes das vítimas dadas por pessoas conhecidas, como ser usuário de crack, beber frequentemente ou ser ex-detento, é interessante perceber que os grupos que foram organizados refletem os campos de investigação por parte da polícia que levanta aspectos como envolvimento com drogas, comportamentos sob efeito do álcool, passado criminal, fonte de renda da vítima e seu padrão familiar. Esses campos da vida social são lidos de maneira institucional, através de padrões ideias que se desobedecidos podem aproximar uma pessoa à morte por homicídio por exemplo.

O segundo eixo preestabelecido refere-se às percepções do depoente sobre a vítima, retiradas das transcrições de suas falas. Na medida em que construía seus relatos sobre os fatos, os depoentes deixavam “escapar” as representações que tinham sobre as vítimas. Isso produziu um montante de 554 evocações organizadas em eixos temáticos:





**Figura 3** – Mapa de sentido das Percepções dos depoentes sobre a vítima de homicídio

A quantia de evocações foi contabilizada por vítima e não pelo número total das evocações. A quantia de depoentes nos inquéritos varia muito, por conta das próprias características do crime, por exemplo, um caso em que uma vítima do sexo masculino foi morta queimada pela sua namorada contabilizou 6 evocações: “morreu queimado pela namorada”, enquanto que um jovem do sexo masculino morto por dívida de drogas recebe apenas 1 evocação afirmando: “morreu por dívida de droga”. O primeiro representa um crime de grande repercussão no local ocorrido, enquanto que o segundo caso está presente a chamada “lei do silêncio”, onde depoentes resolvem não contar sobre os fatos, por receberem ameaças de traficantes. Portanto, se considerada a quantia total dessas evocações (6 e 1), se terá a falsa ideia, por exemplo, de que morre-se mais queimado pela namorada do que por acertos de conta de traficantes de droga. As 6 evocações tornam-se então 1 por considerar que seja apenas 1 vítima queimada pela namorada. Dessa forma, ao invés de um total de 554, evocações como foi comentado, foram sistematizadas um total de 335 evocações como mostra a Figura 3.

Sobre as categorias presentes no mapa de sentido (Figura 3), por conta da grande quantia de evocações dispersas, serão expostas no texto apenas as maiores frequências encontradas.

Na categoria 1. “Como era” a vítima, 38,7% delas tratava-se de qualidades positivas. Dentre as mais frequentes, apareceram as evocações “tranquilo e sossegado”,

“boa gente”, “trabalhador”. 36,2% são qualidades negativas, representadas em ordem por “encrenqueiro e briguento”, “agressivo”, “tinha aparência de mendigo”, “ciumento”, “não era boa gente”, “instável”, “desrespeitoso com as mulheres”.

Na categoria 2. “O que fazia” as vítimas do sexo masculino, foram mais frequentes as vinculações à espacialidade da droga (37,5%), onde a evocação que mais apareceu foi que a vítima “não usava droga”, seguido de “usava droga”, “vendia droga” “comprava droga do autor” do crime. O segundo grupo temático remete a espacialidade do álcool (14%), com as evocações “bebia” e “bebia bastante”. Abaixo seguem as atitudes delituosas (9,7%) referentes a “roubava”, “furtava” “envolvido em homicídio”, e evocações referentes a noite e a rua (9,7%) como “passava dias fora de casa” e “ficava na rua de madrugada”.

A categoria 3. “Causas da morte”, os depoentes afirmaram ser “dívida de droga” (31,7%) a maior causa das mortes das vítimas homens, seguido de “brigas” e “encrencas” (17%), “envolvimento com droga” (14,6%), “devia dinheiro” (9,7%), “bebida” (7,3%).

A categoria 4. “Reconstrução do Passado” teve bastante concentração de evocações por corresponder à própria dinâmica dos depoimentos que, em muitos casos, recebem pessoas que não testemunharam o crime, mas que talvez possam contribuir com atitudes e comportamentos que as vítimas tiveram momentos antes da morte. A grande quantia levou a categoria ser organizada em 4 temas em ordem de frequência: “atitudes” tomadas, elementos do “passado”, “comportamentos” recentes tomados pela vítima e “como morreu e quem matou”.

Sobre as “atitudes” das vítimas, os depoentes afirmaram que elas haviam “desafiado”, “provocado” e “encarado” o autor ou suspeito do crime. Já a construção do “passado” das vítimas, a maioria dos depoentes afirma que a vítima tinha “desavenças/desafetos” com outras pessoas. Rememorando seu “comportamento” momentos antes do crime, a maioria demonstra que as vítimas expressaram “medo”, “ansiedade” e “nervosismo” seguido de “tentou mudar/evitar”. “Como morreu e quem matou”, os depoentes consideraram que as vítimas “morreram por agressão”, ou “porque estava bêbado”.

Tomados os aspectos mais gerais do ato criminal, as características das vítimas do sexo masculino e as percepções que os depoente tinham delas, sob análise mais integrada das informações de cada inquérito, é possível afirmar que 34 dos 74 homens assassinados eram usuários ou vendiam crack, sendo que desses 24 morreram especificamente por envolvimento com droga (32,4%). Essa porcentagem está ligada a

crimes diretamente relacionados às vendas, trocas e dívidas da cocaína e do seu derivado, o crack. Nesse tipo de crime, concentra-se a faixa jovem, entre 15-25 anos de idade, os quais geralmente são mortos em espaços privados, como pontos de encontro e venda, casa de conhecidos e também em fundos de vale próximo aos arroios, utilizados a fim ocultar o ato criminal, que geralmente é realizado no período da noite/madrugada, utilizando-se de faca ou arma de fogo e em alguns casos é praticada antes a tortura.

Dentinho vendia droga em nome de Alves [...] com uma facada na cabeça e uma no pescoço a interrogada afirma estar com uma faca na mão atingindo Dentinho, a interrogada retornou a residência de Dentinho e o mesmo estava na frente agonizando; a interrogada então pegou uma viga de madeira, atingindo várias vezes o rosto de Dentinho; que, mesmo assim ele não morria, então a interrogada pisou na boca dele para ele parar de respirar; que, verificou que ele morreu e retornou para a rodovia (p.5-6).

A descrição é de uma menina como a autora do crime e seus dados correspondem às maneiras como a vítima foi executada, porém a semelhança acontece por ela estar junto no crime e não por cometê-lo. Investigações policiais mostraram que ela não era a autora do crime e que havia confessado o crime por receber ameaças de “Alves”.

A segunda causa de homicídio mais encontrada são os crimes com a presença de bebida alcoólica (17,6%). Muitos foram os casos em que confusões iniciaram por homens sob o efeito do álcool. Esses crimes concentram-se na faixa adulta das vítimas, por grupos de baixa renda, casos até de moradores de rua, ocorrendo em espaços públicos, nas ruas e esquinas, terrenos abandonados e em bares localizados nas vilas periféricas pobres da cidade. Em casos como esses os autores utilizam-se geralmente de objetos contundentes, machado, foice, faca e espancamento.

A relação entre homem, bebida alcoólica e homicídio contribui para compreensão de múltiplas masculinidades. Basta fazer um esforço escalar e essa mesma tríade não será correspondida. Atualmente, em Ponta Grossa, como em cidades com forte concentração de estudantes universitários, tem se visto o crescimento de um estilo de festa denominada “open-bar”, onde pagando o ingresso de entrada se tem acesso liberado a bebidas alcoólicas, contudo, não se tem a presença de homicídios, pelo menos não com a mesma frequência de pequenos botecos de vilas. Se o álcool é uma bebida que atende a padrões quanto ao seu efeito biológico no ser humano, as masculinidades, portanto, são espacialmente elaboradas.

As demais causas se apresentam de maneira mais dispersa, como crimes de ciúmes, conflitos entre territorialidades urbanas, dívida de dinheiro e até vítimas por engano ou motivo torpe, como o caso de um furto de telefone celular. Não que tenha o autor roubado e matado, mas pelo contrário, a vítima morreu por negar devolver o celular furtado.

## **Considerações Finais**

Pessoas são vítimas de homicídio praticado por diferentes meios e motivos, mas a questão que essa pesquisa levanta remete à aproximação muito intensa dos jovens do sexo masculino e a morte por homicídio. Os perfis construídos sobre as vítimas e as narrativas elaboradas sobre os crimes demonstram que as vidas em risco não são caracterizadas simplesmente por “homens jovens”, mas se expressam em formas de subjetividade elaboradas numa espacialidade específica. Em Ponta Grossa, concentra-se naqueles jovens do sexo masculino de periferia pobre com envolvimento com drogas, a partir dos quais pode-se tomar uma escala de análise.

## **Referências**

BERG, Lawrence.; LONGHURST, Robyn. *A bibliography of geography and masculinities*. ACME: An International E-Journal for Critical Geographies. P. 1-12, 2003. [www.acme-journal.org/MascBib.pdf](http://www.acme-journal.org/MascBib.pdf). Acesso em 12/09/2012.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion*. IF identity. London: Routledge. 1990.

\_\_\_\_\_, Judith. Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHIMIN JUNIOR, Alides B. O espaço como componente de vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2009.

\_\_\_\_\_, Alides B. Espaço, vulnerabilidade e masculinidade de adolescentes em conflito com a lei. In: Espaço, gênero e masculinidades plurais. Joseli Maria Silva; Marcio Jose Ornat; Alides Baptista Chimin Junior (organizadores). Ponta Grossa: Todapalabra, p.55-124. 2011.

CONNEL, R.W. *Masculinities*. Sydney: Allen e Unwin, 1995.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_, Michel. *Microfísica do poder*. 15. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

JACKSON, P. *The cultural politics of masculinity: towards a social geography*. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v.16, p. 199-213, 1991.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MCDOWELL, Linda. *The trouble with men? Young people, gender transformations and the crisis of masculinity*. *International Journal of Urban and Regional Research*, v.24, n.1, March 2000.

OBERHAUSER, A. M. RUBINOFF, D. DE BRES, K. MAINS, S. POPE, C *Geographic perspectives on women*. In: GAILE, Gary L.; WILLMOTT, Cort J. (Ed.) *Geography in America at the dawn of the 21<sup>st</sup> century*. Oxford: Oxfrd University Press, 2003. p. 737-758.

ROSSI, Rodrigo. "Malucos da quebrada": territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana dos adolescentes homens em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná. *Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa*, 2010.

\_\_\_\_\_, Rodrigo. Masculinidades e interseccionalidade na vivência de territórios instituídos por adolescentes em conflito com a lei. In: *Espaço, gênero e masculinidades plurais*. Joseli Maria Silva; Marcio Jose Ornat; Alides Baptista Chimin Junior (organizadores). Ponta Grossa: Todapalavra, p.125-192. 2011.

SILVA, Joseli M. *Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidade*. In: *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade*. Org. Joseli Maria Silva. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, p.25-54. 2009.

SILVA, Joseli M. e ORNAT, Marcio J. *Espaço e múltiplas masculinidades: um desafio para o conhecimento científico geográfico brasileiro*. In: *Espaço, gênero e masculinidades plurais*. Joseli Maria Silva; Marcio Jose Ornat; Alides Baptista Chimin Junior (organizadores). Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

WASELFSZ, Julio Jacob. *Mapa da Violência 2011. Os jovens do Brasil*. São Paulo: Ministério da Justiça, 2011.

**Recebido em: 30/05/2013**

**Aceito para publicação em: 30/08/2013**